

Tomás Santa Rosa – do homem ao artista

Rildo Coelho[1]

Um artista traz na sua trajetória de vida memórias. E sua arte nos conta como cada uma delas pode ter nascido; encontrar os elos que as evoquem, requer ouvi-lo se possível em todos os documentos que cercam o processo da criação artística, tais como, diários, esboços, anotações, cartas, dentre outros que possam existir. Essa audição nos leva, em certa medida, à mente do artista, suas vivências e aos seus anseios mais profundos. Analisando esses elementos podemos discernir ainda mais a sua produção criativa e artística, quando contemplarmos a sua obra de arte final.

Nesse diálogo, convido a ouvirmos Tomás Santa Rosa Junior em uma fase em que podemos perceber sua gênese. Por assim dizer, um Tomás Santa Rosa Junior antes de Tomás Santa Rosa Jr., Tomás Santa Rosa, Santa Rosa, Santa ou simplesmente S.R. A partir dessa diversidade de nomes que ele admitia, já começamos a ter vestígios que nos permite compreender o artista de múltiplos talentos. Destacamos neste texto alguns testemunhos, desabaços, sentimentos e confissões pessoais presentes em cartas de quando ele ainda estava em construção como pessoa e artista, entre os anos de 1925 – 1931, na cidade Parahyba (atual João Pessoa), lugar onde nasceu e viveu por 23 anos. As cartas analisadas fazem parte do arquivo privado de José Simeão Leal, disponível no Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional da Universidade Federal da Paraíba.

Tomás Santa Rosa, foi um homem que viveu intensamente, ao observarmos toda a gama de sua produção artística, seja pelo volume de obras ou ainda pela multiplicidade de áreas de onde atuou em seus 47 anos de vida. Seu autodidatismo se somava a uma inteligência bem ordenada. Era um leitor voraz, inclusive lia em três idiomas e apreciava a literatura clássica. Nunca parou de estudar. Durante toda a sua vida seguiu aprofundando-se na pintura, no desenho, na cenografia, nas artes gráficas, música e teatro.

Sendo um artista do seu tempo, foi grandemente afetado pelas transformações do mundo vividas no início do século XX. Nutria-se das vanguardas europeias e da história da arte que estava sendo produzida naquela época. O sobrevivente do casal Santa Rosa nasceu em 1909, após a consecutiva morte de seus três irmãos ainda na primeira infância. Recebeu de sua mãe um chamamento carinhoso de *Bonsinho*. Como um grande e reconhecido artista, morreu na Índia em 1956. Na ocasião, participava da 9ª Conferência Geral da UNO para a Educação, a Ciência e a Cultura - UNESCO.

O pintor, cenógrafo, decorador, figurinista, ilustrador, gráfico, gravador, professor e crítico de arte Tomás Santa Rosa foi gestado em um ambiente aparentemente desfavorável para as suas aptidões artísticas. Percebemos isso, ao lermos suas cartas pessoais, principalmente as que eram endereçadas a seu grande amigo e mentor, José Simeão Leal (administrador cultural, diplomata, crítico de arte, jornalista, médico e colecionador de arte), amizade nascida, estudando juntos no Lyceu Paraibano, 1925. Nessas confissões pessoais, temos acesso ao homem antes do artista, em um momento anterior a sua chegada na capital do Brasil na época, o Rio de Janeiro.

Debruçados sobre essas cartas, vemos logo ao tocá-las uma forma especial que vai desde como utilizava o papel, com desenhos, formas de letras em um uso inventivo até a assinatura final, que recebia variação conforme a partir do seu nome. Seleccionamos aqui, alguns trechos que nos desvelam a expectativa e a mente de um artista em formação, que ansiava e sofria por não poder viver sua plenitude de vida, sua arte.

Em suas epístolas, Tomás Santa Rosa se diz exilado na cidade da Parahyba, mesmo amando sua cidade natal e tendo pontuais destaques em pequenas produções artísticas. Ele lamentava não haver em sua cidade um contexto cultural sólido que favorecesse seu desenvolvimento técnico e artístico.

Não avalias a amarga tristeza que sinto, a ver-me contrariado nas minhas ideias, a delimitar-me, a constrangir-me no apertado círculo do funcionalismo público, agora, tendo pensado longamente sobre a inutilidade de meus esforços. Tentei ir a Recife, ver se conseguia algo de melhor, mas o acúmulo de serviço obrigou-me a esperar outra oportunidade. Se pudesses supor a minha tragédia íntima nesses últimos tempos.[2]

Sobre ele também repousava a responsabilidade financeira, com o sustento de sua mãe (Maria Alexina) e suas irmãs mais jovens (Cristina e Heliomar), reforçada após o abandono de seu pai. Nosso artista necessitava de um trabalho que garantisse sua sobrevivência e dos seus. Diante das oportunidades imediatas que se apresentaram, vem a trabalhar com números, primeiro em um escritório de contabilidade na cidade da Parahyba e posteriormente no Banco do Brasil, em Maceió. O trabalho na área financeira e de tributos produziu dor em sua alma, trazendo para ele grandes dificuldades, chegando a dizer que não vive... apenas reage, por ter sua cabeça cheia de números. Sua vontade era trabalhar com algo da linha e da cor, ele almejava viver de arte e para a arte, até isso acontecer, Tomás Santa Rosa expressa tristeza e melancolia em todas as suas palavras: *"Simeão, meu amigo: Vou reagindo em mim mesmo. Leio e desenho. Tenho mais vontade de trabalhar numa revista, em cenários, em reclames, em tudo que haja a exaltação da linha e da cor."*[3]

Notado desde sua infância com dons artísticos, recebeu ainda muito jovem premiações locais, a mais importante delas teria sido o interesse do governador em custear seus estudos em arte na Europa, impedido por já participar da manutenção e sustento da família, formada por sua mãe e irmãs. Tomás Santa Rosa compreendia sua existência e maneira de se relacionar com a vida expressando-se por meio da arte, *"José Simeão, meu presadíssimo amigo: somente a arte é eterna porque é construída com as coisas do espírito, indefinidas [...] apenas a tela, o mármore, o papel, são pretextos para a obra d'arte a arte [...]"* [4]

A modernidade e o modernismo vivenciado em sua época eram reflexo de sua vida, tanto que apenas uma forma de arte não foi capaz de contê-lo, o que foi confirmado por muitos de seus contemporâneos como Carlos Drummond de Andrade, Graciliano Ramos, José Lins do Rêgo, dentre outros dos seus amigos de quando viveu no Rio de Janeiro. Qualquer lugar era lugar para um estudo artístico, o bonde e o intervalo do almoço, suas percepções da realidade a sua volta eram provocações para serem registradas de maneira artística.

Simeão, meu amigo: Um intervalo do almoço, o papel do Banco e a machina idem, para lhe enviar esta notícia. [...]. Não lhe direi nada de arte, v. sabe como sofremos aqui a ausência de tal cousa. Tenho feito alguns desenhos que o Zéauto tem. É provável que na próxima safra v. tenha parte. Por enquanto são pesquisas através uma vasta sucessão de escolas. Fiquei meio cubista, meio impressionista, meio cousa nenhuma. Procuo o lirismo, como o Chirico.[5]

Ao estudarmos suas pinturas, vemos de maneira ainda mais viva suas memórias, vemos um artista generoso, dando-nos a conhecer o que se passava na sua alma. Podemos contrapor esses dados da sua subjetividade com outras formas de arte mais técnica, como seus trabalhos como capista e ilustrador de livros, que respondia à produção literária de um autor, como também a uma editora; ou em suas criações de cenários para o teatro, em que havia um texto para contextualizar de modo espacial.

Através de suas cartas, lemos um Tomás Santa Rosa apegado à palavra, ao texto e à mensagem em todo o seu processo de criação, como ele mesmo destacava. Assim sendo, o artista era capaz de resumir o conteúdo de um livro na ilustração de capa, como ressaltou por vez seu amigo José Lins do Rêgo. Isso em uma época em que a maneira moderna de conceber o livro brasileiro estava em consolidação, tanto em sua produção técnica, quanto em seu conteúdo.

Quando chega ao Rio de Janeiro, centro cultural do país, em 1932, Santa Rosa se descreve nas correspondências a Leal como finalmente feliz. Agora, ele conta que tem seus livros, sua amada, cérebro, imaginação, tendência à arte e indiferença à vida, - tudo aguardando as melhores oportunidades para apresentar-se e até mesmo destacar-se em meio à multidão. Ávido por novidades, busca sempre por algo inédito e fala sobre como entende a emoção de conhecer e de sensibilizar com o novo através de uma curiosidade simples: *"Nunca a inteligência esteve tão à vontade tão em sua casa, de pijama, como agora, nesta época, em que cada um pensa suas idéias."*[6]

Há vários Tomás Santa Rosa quando o estudamos na vida e na obra, quanto mais tentamos nos aproximar, mais o seu trabalho se torna maior e profundo. Porém, um elemento se sobressai quando ele é descrito por seus amigos. Ao conhecê-lo assim, sabemos que ele era detentor de uma personalidade aparentemente pacata, chegando até mesmo a ser percebido como tímido, o que poderia ser uma contradição dessa característica ao analisarmos seus traços firmes e expressivos. Traços de uma vida dividida em um antes e depois da cidade da Parahyba, em que adversidades vivenciadas no começo da sua trajetória se tornaram asas ao final. As limitações geográficas e econômicas não o mantiveram menos criativo e sensível em criar uma arte engajada com diversas questões de sua época e muitas ainda atuais, trabalhado tenazmente com tudo que favorecia o pensamento de arte e cultura no Brasil. Sendo da segunda geração de modernistas, a arte de Tomás Santa Rosa contribuiu e contribui mais uma vez com temas importantes para uma história da arte brasileira, ultrapassando o tempo e tocando como ele sonhava, a eternidade.

[1] Rildo Coelho atua profissionalmente como designer gráfico editorial na Editora Universitária da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). É mestre em Ciência da Informação pela UFPB e autor da dissertação "Santa Rosa da linha e da cor: o passado presente por meio da escrita autobiográfica" (2018). Tem experiência de pesquisa em Memória Social e História da Arte e do Design.

- [2] Catálogo de correspondências/ NDIHR – Remetente: Tomás Santa Rosa Junior. Notação/ Número A1. G1. P20. C2. 0581.
- [3] Catálogo de correspondências/ NDIHR – Remetente: Tomás Santa Rosa Junior. Notação/ Número A1. G1. P21. C1. 0609.
- [4] Catálogo de correspondências/ NDIHR – Remetente: Tomás Santa Rosa Junior. Notação/ Número A1. G1. P21. C1. 0610.
- [5] Catálogo de correspondências/ NDIHR – Remetente: Tomás Santa Rosa Junior. Notação/ Número A1. G1. P20. C3. 0597.
- [6] Catálogo de correspondências/ NDIHR – Remetente: Tomás Santa Rosa Junior. Notação/ Número A1. G1. P20. C2. 0593.